

Mudança nos canais em pauta

Vereadores acenam com proposta para usá-los como estacionamento de veículos e áreas de lazer. Tema divide opiniões

JOSÉ CLAUDIO PIMENTEL

Da Redação

"Eles estão entranhados na alma do santista, pois percorrem toda a planície, como veias abertas onde corre o mar. Neles, sobrevoa, como as garças brancas, o espírito da Cidade".

Assim foram definidos os centenários canais de Santos pelo jornalista Carlos Mauri Alexandrino, no livro *A Cidade em Debate*, uma coletânea de escritores.

O uso dessas estruturas como alternativa para dar maior fluidez ao trânsito voltou à discussão na Câmara de Vereadores, onde há parlamentares que gostariam de melhor aproveitá-las.

A ideia é fazer com que os canais não sirvam apenas para o escoamento da rede de drenagem, mas tornem-se, também, importantes vias de trânsito e áreas de lazer.

Foi o suplente Geonísio Pereira de Aguiar, o Boquinha, quem apresentou uma proposta de destombamento há pouco mais de duas semanas. Na ocasião, ele substituiu o vereador Marcus de Rossis (PMDB), que estava licenciado por alguns dias. "A gente tem que pensar que é um lugar totalmente sem uso. Ficar com sete canais tombados a troco de nada?", argumenta.

A ideia dele é justamente criar corredores viários, onde ônibus ou até mesmo o Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT) poderiam interligar os extremos da Cidade em um curto espaço de tempo. "Há oportunidade para construir sobre eles quadras poliesportivas para a molecada jogar". A discussão foi além e também envolveu outros vereadores.

Douglas Gonçalves (DEM) também defendeu o proposta do colega. "Nesses canais só tem esgoto. Podíamos manter a característica deles na primeira quadra da praia, depois fechá-los", sugere, convidando os munícipes a discutirem o assunto nas redes sociais ou até mesmo em audiências públicas.

"Queremos saber o que as pessoas realmente querem".

O vereador lembra também que, em alguns canais, como o 4, há moradores de rua que vivem sob as pontes - o que levanta uma série de outras discussões. "A utilização no início século passado era outra", diz, admitindo que houve quem discordou do posicionamento, como presidente da Câmara, Sadao Nakai (PSDB), quem os defende pela importância histórica.

INTERVENÇÃO POSSÍVEL

Os canais de Santos são protegidos pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa) e Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat).

Por isso, o presidente do Condepasa, Bechara Abdala Pestana Neves, lamenta a retomada da discussão que "pode alterar um dos principais referenciais urbanos de Santos". Apesar disso, diz que as limitações previstas no tombamento não impedem que essas estruturas não sejam utilizadas para beneficiar, ainda mais, os moradores e turistas.

"As ciclovias são uma prova disso. Um projeto cuja a intervenção, que beneficiaria várias pessoas, foi discutida e aprovada", lembra. Da mesma forma, Neves destaca a possibilidade de criar "lâminas" sobre as superfícies também é possível, como a que existia nas proximidades do Teatro Municipal Braz Cubas, localizado no Canal 2.

Todos os projetos podem ser analisados, afirma o presidente do órgão regional. "Agora, se há possibilidade de destombar, eu desconheço". De maneira semelhante, o Estado, por meio do Condephaat, responde que alterações que não impactem no caráter arquitetônico e histórico da estrutura são possíveis, desde que seja aprovado - o que não vale para o fechamento deles.

Alterações teriam efeito 'paliativo'

■ O fechamento dos canais como alternativa para o trânsito não vai solucionar os problemas viários de Santos. Pelo contrário, pode até piorá-lo a curto prazo, quando a frota de veículos deve aumentar. A opinião é do professor da Universidade Católica de Santos (Unisantos), Augusto Campos Muniz, especialista em gerenciamento de cidades.

O acadêmico, ao exemplificar casos semelhantes no Brasil e exterior, afirma ser ineficaz cobrir o espaço para a utilização de veículos. "Passados alguns anos, a gente vai precisar fazer uma via em cima de outra. Cobrir não é a solução", alerta. Apesar de admitir que Santos precisa de áreas de lazer, ele diz que não é sobre os canais que elas devem ficar, uma vez que até as praças públicas são mal aproveitadas.

"Temos uma cidade cada vez mais impermeabilizada, principalmente com as novas construções. Os canais são e sempre serão importantes para escoar a água da chuva e nós não nos afogamos", garante. Muniz lembra ainda que essas estruturas precisam, na verdade, que sejam bem cuidadas para evitar o assoreamento e manter a história dessas vias.

De maneira análoga, o professor Aureo Emanuel Pasquelato Figueiredo, especializado em Engenharia de Transportes, afirma que os canais já estão incorporados à imagem da Cidade e que seria "desastroso" alterá-los. "Não há condições de a gente fazer uma obra dessa, com um dinheiro que faz falta para muita coisa, justamente para privilegiar um transporte individual".

Figueiredo diz ainda que a matriz de transporte está errada e que, portanto, o governo deveria preocupar-se em oferecer alternativas coletivas de mobilidade urbana, para assim melhorar trânsito que está cada vez mais complicado. "Não adianta cobrir os canais para prover uma solução de trânsito em relação ao veículos".

O acadêmico, no entanto, diz ser favorável ao destombamento, se esse recurso for utilizado tão somente para intervenções que beneficiem a maioria das pessoas - como a construção de mais ciclovias ou instalação de novas comportas de água. "É estudar as possibilidades".

Opiniões

Nas redes sociais, mais de 600 internautas de A Tribuna comentaram a possibilidade de fechamento de canais:

CONTRA

"Falar na possibilidade de reverter seu tombamento, demonstra claramente o tipo de povo que somos, em sua maioria despreocupados com a preservação de nossa memória histórica e cultural e seu entorno. Os canais não foram pensados por Saturnino de Brito apenas para drenagem de parte de nossa pantanosa ilha, mas também como corredores de circulação dos ventos e controle térmico"

MARCELO PESTANA

"Um absurdo. Um insulto para a memória do sanitarista Saturnino de Brito, para Santos, para a história. Pesquisem e vejam que Santos foi conhecida como 'porto da morte' por tantas doenças que aqui existiam, que 1/3 da população morreu e o cemitério da Filosofia foi adquirido para enterrar tanta gente. Graças ao grande planejamento desse renomado sanitarista que a nossa cidade evoluiu"

ALINE RAMOS

A FAVOR

"Só quem dirige sabe o tamanho do benefício que será a cobertura dos canais. Os tempos mudaram. A quantidade de carros e ônibus aumentou e muito. Os canais continuarão lá... A necessidade de adaptação a esses novos tempos é imprescindível. No final todos sairão ganhando"

ANDREA DE MARIA FERREIRA

"Os canais foram importantes no passado, hoje não passam de 'rios' completamente cheios de sujeiras graças a própria população. Passem a pé no Canal 1 em frente ao Teatro Municipal, é um cheiro horrível... Fechando os canais, fazendo um estacionamento em 45 graus com calçadas e ciclovia no centro, e onde hoje são as calçadas virarem extensões das avenidas, teremos uma utilidade bem maior do que hoje"

BRUNO ROLLO

Tentativa

No início dos anos 2000, houve a primeira tentativa de fechamento dos canais. Na época, o prefeito Beto Mansur iniciou a cobertura do Canal 4 para fazer dali um estacionamento para mais de 20 veículos e uma área para a instalação de bancas de jornal. A obra, que também foi polêmica na ocasião, foi barrada pelo processo de tombamento, que havia se iniciado concomitantemente.

Eles têm cumprido seu papel

■ A historiadora Wilma Therezinha Fernandes de Andrade lembra que há exatos 107 o engenheiro sanitarista Saturnino de Brito era o responsável por criar o Sistema Separador Absoluto (SSA) de Santos, fazendo com que a Cidade passasse a ter duas redes de drenagem (água e esgoto), aprimorando os requisitos básicos da saúde pública.

"O papel dos canais é cumprido com excelência por todo esse tempo de drenar a água da chuva", ressalta. No início do último século, entretanto, foi o mosquito *Aedes aegypti* (também transmissor da dengue) o grande responsável pela construção dessas grandes canaletas, pois eram eles os transmissores da febre amarela, doença que matou mais de 10% da população santista na época.

Segundo Wilma, a água empossada fazia com que o mosquito se proliferasse em grande quantidade. A solução encontrada pelo Estado, que pagou a obra, dentre tantas outras alternativas voltadas ao saneamento, foi justamente essa. "Ele conseguiu dividir os dois sistemas, mandando o esgoto produzido aqui para alto mar, pela Ponta da Itaipu, em Praia Grande".

Entre 1907 e 1927 foram construídos os seis primeiros canais de superfície, todos custeados por São Paulo, além do que está próximo ao Orquidário, o da Rua Moura Ribeiro, no Marapé na Rua Francisco Manoel, no Jabaquara. Depois disso, foi a Prefeitura que assumiu a obra, entregando outros três: com o Canal 7, o da Avenida Afonso Pena e da Rua Brás Cubas - os dois últimos subterrâneos.

"Antes de pensarmos em fechá-los, devemos lembrar da importância sanitária desses canais. Estamos na contramão histórica fechando-os", alerta, embasada nos resultados de Saúde Pública obtidos ao longo dos anos com essas estruturas que, assim como os demais, destaca a importância de preservá-la.